

Metodologia para elevar o rendimento escolar. Linhas mestras para o desenvolvimento da aprendizagem significativa

Metodologia para elevar o rendimento escolar. Linhas mestras para desenvolver a aprendizagem significativa é uma investigação que se sustenta em teorias relacionadas ao insucesso escolar. Todavia se oferecem algumas perspectivas como deve ser vista a aprendizagem, assim como, temáticas que julgamos serem relevantes mencionar aos professores e estudantes do II ciclo do Ensino Secundário, no que diz respeito à metodologia de estudo a ser adoptada, para um bom desempenho escolar nas disciplinas do currículo, assim com outras temáticas que julgamos relevantes, referenciar tendo em vista as exigências de estudo do aluno neste ciclo, comparadas aquelas feitas aos alunos do ensino primário e do I ciclo. Como consequência, aludimos ainda temáticas como organização do estudo fora e dentro da sala de aulas, o aluno na sala de aulas, alunos excelentes e entre outras. A obra inclui recomendações para os professores e estudantes acerca de como potenciar o desenvolvimento da aprendizagem significativa.



MSc. José Luis Sabonete Calulo

Licenciado e Pós graduado em Matemática, pós graduado em redação científica e publicação de alto impacto, Mestre em Didáctica do Ensino Superior e Doutorando em Ciências Pedagógicas. Professor de Matemática e Física na Escola do II Ciclo do Ensino Secundário "Comandante Vilonga" no Huambo, Angola. Investiga e publica sobre Didáctica da Matemática, Física Geral e sobre rendimento escolar.

ISBN: 978-959-7225-11-9



EDACUN

EDITORIAL ACADÉMICA UNIVERSITARIA



MSc. José Luis Sabonete Calulo

Metodologia para elevar o rendimento escolar. Linhas mestras para o desenvolvimento da aprendizagem significativa

EDITORIAL ACADÉMICA
UNIVERSITARIA



Metodologia

para elevar o rendimento escolar
Linhas mestras para o desenvolvimento
da aprendizagem significativa

MSc. José Luis Sabonete Calulo

Diseño y Edición: Ing. Erik Marino Santos Pérez. P.I.
Corrección: Dra. C. Hilda de la C. Argüelles Mancebo. P.T.
Dirección General: Dr. C. Ernan Santiesteban Naranjo. P.T.

Metodología

para elevar o rendimento escolar

Linhas mestras para desenvolver
a aprendizagem significativa

© MSc. José Luis Sabonete Calulo
© Sobre la presente edición
Editorial Académica Universitaria (Edacun)

ISBN: 978-959-7225-11-9
Editorial Académica Universitaria (EDACUN)
Universidad de las Tunas
Ave. Carlos J. Finlay s/n
Código Postal 75100
Las Tunas, 2016



Las Tunas, 2016



AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Pai dador de todos bens, nosso consolador e protector das nossas vidas. Todavia, agradeço À DIRECÇÃO DA ESCOLA DO SEGUNDO CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO “Comandante Vilinga” no Huambo –Angola; sem a vossa colaboração esta obra nunca seria possível.

De forma geral para toda minha família, amigos e colegas que directa ou indirectamente fizeram com que esta obra fosse uma realidade. E com você que está lendo este livro me sinto profundamente honrado.

José Luis Sabonete Calulo



ÍNDICE

Introdução	1
Metodologia para elevar o rendimento escolar. Linhas mestras para desenvolver a aprendizagem significativa	2
O aluno na sala de aula.....	24
Trabalho diferenciado com os Alunos na sala de au la.....	26
O clima positivo da aula: uma via para o desenvolvimento da auto-estima dos estudantes...29	
Clima positivo da aula: uma via para o desenvolvimento da auto-estima dos estudantes.....	33
Postura do docente interessado em desenvolver a aprendizagem significativa.....	38
Princípios orientadores da prática de ensino inclusiva.....	44
A aula como contexto de desenvolvimento do estudante.....	53
Organização do processo de ensino para viabilizar a aprendizagem significativa e a participação de todos os alunos.....	55
Os objectivos e seu valor no processo de ensino e aprendizagem significativa.....	64
A liderança na escola: uma via para desenvolver a aprendizagem significativa.....	66
Recomendações didácticas.....	70
Bibliografía	

INTRODUÇÃO

Os diferentes planos Curriculares Nacionais dos diferentes níveis de ensino, publicados e outros documentos oficiais referentes à educação em Angola têm enfatizado a necessidade de focar o ensino e a aprendizagem no desenvolvimento de competências e habilidades por parte do aluno, em lugar de centrá-lo no conteúdo contextualizado. Essa visão está em sintonia com uma tendência mundial fundamentada nos quatro pilares para a Educação propostos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, sigla em inglês): aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver com os outros e aprender a ser.

A educação constitui um processo que visa preparar o indivíduo para as exigências da vida política, económica e social do país e que se desenvolve na convivência humana, no círculo familiar, nas relações de trabalho, nas instituições de ensino e de investigação científico - técnica, nos órgãos de comunicação social, nas organizações comunitárias, nas organizações filantrópicas e religiosas.

Assim, segundo Calulo e Mestre (2013) “O processo de ensino e aprendizagem em qualquer nível educativo tem maior importância quando os alunos adquirem conhecimentos, desenvolvem capacidades, habilidades e hábitos que lhes permite uma elevada formação intelectual e com eles se incrementam as possibilidades de desenvolvimento para resolver problemas vinculados com a vida quotidiana. Em este sentido, nas instituições escolares de Angola se deve

promover a busca de vias e métodos, para a formação de um homem que possua um pensamento reflexivo, crítico, que pode adquirir e aplicar estratégias e que as defenda”.

Para atingir este fim é necessário motivar e dirigir a busca de conhecimentos mais actualizados, potenciando o desenvolvimento de habilidades, com o propósito de prepara-los para a vida.

Assim, como é sabido, o estudo no II Ciclo é extremamente sério, atendendo os desafios futuros, quer académicos quer profissionais. Deste modo, espera-se que um estudante deste ciclo dedique parte significativa de seu tempo e energia aos estudos e actividades directamente relacionadas a eles, que possibilitam o desenvolvimento do pensamento lógico e consequentemente o aperfeiçoamento das habilidades intelectuais. Portanto, se requiere de um aprendizagem significativa para alcançar a referida meta.

Metodologia para elevar o rendimento escolar. Linhas mestras para desenvolver a aprendizagem significativa

Não é possível que o professor, esgote todos os assuntos da aula exaustivamente, mas pretende expor aos alunos conceitos fundamentais, com o objectivo de facilitar o estudo independente. Neste, entretanto, a presença dos alunos nas aulas deve necessariamente ser complementada com estudo independente. Embora que o estudante neste Ciclo, tenha grandes responsabilidades sobre o seu estudo,

é necessário que os professores estejam sempre atentos para dar o ombro amigo que os estudantes tanto necessitam, atendendo a complexidade de algumas temáticas da vida académica.

Tendo em conta a complexidade de algumas temáticas do curriculum escolar é necessário dominar algumas linhas mestras que podem facilitar a assimilação dos conteúdos.

Assim, durante a nossa investigação, analisamos vários conceitos de metodologia, pelo que, assumimos o conceito dado por Santiesteban (2014) “(...) metodologia é a ciência que ensina a dirigir determinado processo de maneira eficiente e eficaz para alcançar os resultados desejados. Tem como objectivo dar-nos as estratégias a seguir em um processo de busca de conhecimentos e soluções dos problemas identificados”.

Assim, técnicas de estudo referem-se ao conjunto de metodologias para o aproveitamento eficiente do estudo individual ou em equipa. As metodologias do estudo pretendem traçar métodos para a aprendizagem satisfatória, em menos tempo, com esforço menor.

De um modo geral, a importância deste manual irá variar de acordo com a personalidade do Professor ou estudante e a natureza do assunto a ser estudado.

Insucesso Escolar

O sucesso escolar (ou académico) refere-se à avaliação do conhecimento adquirido no âmbito escolar. São considerados estudantes com sucesso escolar todos os alunos que obtenham qualificações positivas nos exames que devem realizar ao longo do ano lectivo.

Por outras palavras, o sucesso escolar é uma medida das capacidades do aluno, que expressa o que este tem aprendido ao longo do processo formativo. Também abarca a capacidade do aluno em responder aos estímulos educativos. Neste sentido, o rendimento escolar prende-se com a aptidão. Todavia avalia a eficácia do trabalho do docente.

São vários os factores que incidem sobre o rendimento escolar. Desde a dificuldade própria de algumas disciplinas (ou cadeiras) até à grande quantidade de exames que podem coincidir nas mesmas datas, passando pela ampla extensão de certos programas educativos, são muitos os motivos que podem levar um aluno a apresentar um fraco rendimento académico.

Outras questões estão directamente relacionadas com o factor psicológico, como a pouca motivação, o desinteresse ou as distrações nas aulas, que dificultam a compreensão dos conhecimentos leccionados pelo docente e acabam por afectar o rendimento escolar na hora das avaliações.

O tema de insucesso escolar é comum nas políticas e discursos educativos, assim como na análise dos investigadores das “ciências da educação”. Durante a nossa investigação efectuamos uma análise em várias teorias relacionadas com esta temática. De acordo com Benavente (1990, 1998) o insucesso escolar tem um carácter massivo, constante, precoce, selectivo e cumulativo.

Os estudos sociológicos salientam, nomeadamente, os padrões culturais, a linguagem e o próprio processo de socialização dos estudantes no seio da família e da comunidade de pertença, assim como o grau em que se aproximam ou se afastam das práticas e dos padrões exigidos e estimulados pela escola.

Por sua vez, a investigação psicológica salienta as variáveis pessoais do aluno e do professor, a qualidade das interações educativas na sala de aula e o relacionamento interpessoal nas escolas, entre outros factores (Garcia, 1998; Ribeiro, 2000; Ribeiro, 1999).

Outros investigadores a nível da psicologia, salientam que “o insucesso escolar tem haver com as capacidades, a motivação e os hábitos de trabalho dos alunos” (Almeida, 1993; Almeida & Campos, 1986; Barros & Almeida, 1991; Rosário, Almeida & Oliveira, 2000). Ao longo da primeira metade do século XX as explicações baseadas na inteligência predominaram na explicação do insucesso escolar (Ribeiro, 1998). Considerava-se, então, que a inteligência era algo estável e que a escola não influenciaria o seu desenvolvimento (Ceci, 1991). A perspectiva actual

sobre esta temática é diferente. Considera-se que não é possível estabelecer uma relação de causalidade, menos ainda linear, entre as duas variáveis. Por um lado, nem todos os alunos bem sucedidos na escola possuem boas capacidades intelectuais e, por outro, nem todos os alunos com insucesso escolar são portadores de dificuldades cognitivas (Roazzi, Spinillo, & Almeida, 1991). Embora a inteligência permaneça como um factor importante a ponderar na explicação do rendimento escolar dos alunos, outras variáveis são contempladas no quadro de uma abordagem mais ecológica e desenvolvimental na análise desta problemática.

Os resultados da investigação psicológica são consensuais no que se refere à importância das estratégias de aprendizagem no sucesso escolar dos alunos. Os alunos com melhores desempenhos não só dispõem de um reportório mais alargado, como dispõem de um conhecimento preciso sobre a utilidade dos mesmos (Marques, 1999; Silva & Sá, 1997). Alunos mais fragilizados em tais variáveis tendem a experiênciar e a acumular ao longo da escolaridade maiores dificuldades na sua aprendizagem, apresentam menos comportamentos auto-regulatórios do seu estudo e, muitas vezes, desenvolvem percepções pessoais menos positivas em termos de auto-conceito e de auto-estima (Barros & Almeida, 1991; Mascarenhas, Almeida & Barca, 2005; Rosário, Almeida, Guimarães & Pacheco, 2001).

A literatura na área mostra que os alunos menos sucedidos a nível escolar tendem a desenvolver estilos atribucionais dos seus resultados pouco eficientes, recorrendo com alguma facilidade à falta de capacidade para explicar os seus fracassos (Almeida, Barros & Mourão, 1992; Barros & Almeida, 1991; Mascarenhas, Almeida & Barca, 2005). A par do aluno, também os professores e as suas interações com os alunos têm sido sistematicamente analisadas pela psicologia. Dificuldades na comunicação e no relacionamento interpessoal por parte do professor, dificuldades na organização das tarefas na sala de aula, ou problemas na gestão da disciplina da turma emergem como alguns dos factores associados ao professor com impacto claro nas aprendizagens dos alunos (Almeida & Roazzi, 1988; Benavente, 1990).

Por outro lado, temos factores mais directamente relacionados com as dinâmicas internas das escolas e com as políticas educativas, como, por exemplo, a estrutura do currículo escolar, os manuais escolares, os métodos de avaliação, a qualidade dos espaços e dos equipamentos escolares, a formação e a estabilidade do corpo docente, a dimensão das escolas e das turmas (Formosinho & Fernandes, 1987; Roazzi & Almeida, 1988).

Podemos falar das variáveis pessoais dos alunos (motivação, capacidades, atitudes em relação à escola e às aprendizagens), das variáveis pessoais do professor (competência científica, pedagógica e personalidade), e das interações educativas entre professor-alunos (comunicação, liderança, métodos

de ensino e de avaliação) ou do ambiente relacional na escola (relacionamento interpessoal, dinâmica e trabalho em equipa, clima institucional, liderança e coordenação).

Por um lado, temos factores sociais (Formosinho, 1987) como os hábitos, projectos e estilos de vida no seio da família, a linguagem, as atitudes face ao conhecimento e à escola, as condições de vida (alimentação, vestuário, horários), o acesso a bens culturais como livros, jogos e novas tecnologias, a zona de residência no que diz respeito às condições comunitárias de lazer, serviços e vida associativa.

Em prol dos factores sociais do sucesso e insucesso escolar, a investigação sociológica tem demonstrado que o fracasso escolar não atinge, de igual modo, todas as classes e grupos sociais. As taxas são mais elevadas, e de forma bem diferenciada, junto dos alunos pertencentes aos sectores sociais convencionalmente designados por “classes desfavorecidas”. Incluem-se, nesta categoria social, aquelas alunos provenientes de famílias operárias, camponesas, de minorias étnicas, vivendo, por vezes, em bairros ou zonas urbanas degradadas, nos subúrbios das grandes cidades ou no isolamento de certos meios rurais (Gomes, 1987).

A importância dos factores sociais transparece nas várias teorias propostas para explicação do fenómeno. Assim, nas décadas de 50 e 60, emergiu a teoria da “socialização deficiente das classes populares”. Para ela, o “fracasso escolar” dos referidos grupos sociais explicava-se por uma

inadequada socialização familiar, nomeadamente baixas aspirações e expectativas de sucesso na escola. Uma segunda teoria explicativa realça as interações e os processos escolares, chamando a atenção para a comunicação e para as relações humanas e pedagógicas entre os professores e os alunos (Gomes, 1987). A comunicação de expectativas influenciadas pela reação dos professores à origem social e às características sócio-culturais dos alunos pode contribuir para a interiorização do estereótipo de “bom” ou “mau” aluno.

Finalmente, a teoria da reprodução social e cultural, desenvolvida ao longo da década de 1970. Para esta teoria, o insucesso escolar explica-se em grande parte pela presença ou ausência de capital cultural nas famílias de onde são provenientes os alunos, ou seja, o sucesso está mais garantido quando na família se encontram as percepções, orientações, disposições, valores e hábitos culturais rentabilizados pela escola. (Araújo, 1987).

Numa escola que se pretende inclusiva, o conhecimento das características dos alunos apresenta-se como uma condição necessária na construção de projectos educativos próprios capazes de responder às características e necessidades dos estudantes. Reportando-nos à transição do II Ciclo para o Ensino Superior, podemos fazer referência a algumas mudanças importantes envolvidas nessa transição, a que o aluno terá que ser capaz de fazer. Referimo-nos, por exemplo, à mudança de escola, à passagem do regime, de um conteúdo curricular integral para conteúdos especializados e distribuídos

por várias disciplinas, à desagregação do grupo de pares, colegas de classe, aos novos métodos pedagógicos de ensinar e de avaliar, à menor individualização do ensino e, quiçá, a ritmos mais exigentes em termos de aprendizagem do aluno.

Assim, com base na análise documental e palestras realizadas em algumas Escola do II Segundo Ciclo do Ensino Secundário, concluímos que o insucesso escolar é um facto que tende a um crescimento exponencial. Assim, da interpretação feita a varias teórias, assumimos a investigação psicológica que salienta as variáveis pessoais do aluno e do professor, a qualidade das interações educativas na sala de aula e o relacionamento interpessoal nas escolas, entre outros factores.

Em continuação se oferecem alguns factores da organização escolar que contribuem ao insucesso escolar dos alunos. É significativo acotar que frequentemente esquece-se este promenor e pensamos que o insucesso escolar depende simplesmente do professor e do aluno. Vejamos algumas casos **típicos**:

- O elevado número de alunos por escola e turma, tendem igualmente não apenas a provocar o aumento dos conflitos, mas sobretudo a diminuir o rendimento individual.
- A organização de turmas heterogéneas, não apenas dificulta a gestão da aula pelo professor, mas também a coesão do grupo, traduzindo-se no

incremento de conflitos internos. Tudo somado, temos mais uma causa para o insucesso escolar.

- A deficiente orientação vocacional que muitos alunos revelam no ensino pós-obrigatório, é agravada pela ausência nas escolas de serviços de informação e orientação adequada.
- O clima escolar, isto é, a qualidade do meio interno que se vive numa organização, é consensual que influência bastante o comportamento dos seus membros contribuindo para o seu sucesso ou insucesso. O problema é que o clima escolar resulta de uma enorme variedade de factores, sobretudo dos que são de natureza imaterial como as atitudes, esperanças, valores, preconceitos dos professores e alunos, o tipo de gestão etc, e não tanto do ambiente físico (instalações, localização da escola, etc). O problema é identificar quais são as causas determinantes para um mau clima escolar. Uma coisa é **certa, os alunos que trabalham num bom clima tendem a obter melhores resultados que os restantes.**
- A falta de uma biblioteca e laboratórios influencia no insucesso escolar e consequentemente na formação integral do aluno.
- O mau relacionamento entre professores e alunos.
- Desfasamentos no currículo escolar dos alunos. Os alunos ingressam no II ciclo sem que possuam os pré-requisitos necessários.

- A falta de preocupação em alguns professores em motivar os alunos para uma aprendizagem efectiva.
- Currículos demasiado extenso que não permitem que os professores utilizem metodologias activas, onde os alunos tenham o lugar central. A necessidade de cumprir os programas inviabiliza a adopção de estratégias mais activas, mais sobretudo retira tempo ao professor para ultrapassar as dificuldades individuais de aprendizagem que constata nos alunos.
- A inobservância da ética e deontologia profissional.
- A postura arrogante de alguns professores quando se dirigem para os alunos contribui para o insucesso escolar e ameaça a qualidade de ensino.
- A falta do uso de metodologias adequadas ao tipo de aula e conteúdo a ser transmitido é uma condição suficiente para o insucesso escolar.
- A falta de planificação das aulas e o o mal desempenho de funções do sector pedagógico pode levar ao imprevisto e isso ameaçar a qualidade de ensino.
- Os conflitos de interesses. Quer dizer, há casos em que o professor enfrenta a dificuldade de atribuir a classificação de não apto a um(a)

aluno(a) por ter sido solicitado por um(a) colega que conhece o(a) aluno(a) para atribuir a classificação de apto. Está é uma enfermidade que vivenciamos regularmente e que é necessário combater-la.

- Desarticulação dos programas. Esta situação faz, por exemplo, com que os alunos repitam os mesmos conteúdos, de modo diverso e incoerente ao longo dos anos e das disciplinas, levando-os a desinteressarem-se pelas matérias, **e a sentirem-se confusos.**
- A elevada centralização do sistema educativo, não apenas torna a capacidade de resposta (adaptação) muito lenta, como fomenta a irresponsabilidade ou a burocracia, ao nível local (as escolas).
- Se os programas e as directivas superiores não forem contextualizados a realidade de cada escola a qualidade da educação pode ser enfraquecida.
- A atribuição de disciplinas que não são do domínio do professor pode levar ao imprevisto e comprometer a qualidade de ensino. Este drama é comum nas escolas.

Emerge, assim, uma constelação de variáveis e de circunstâncias que de forma mais ou menos directa e inter-relacionadas influencia a aprendizagem e o rendimento escolar dos alunos. É comum pensar que a organização escolar é perfeita e não influencia no rendimento escolar, atribuindo assim, frequentemente

culpas aos professores e alunos o que em nossa visão não é justo. A boa organização escolar é fundamental para a direcção perfeita do processo de ensino e aprendizagem.

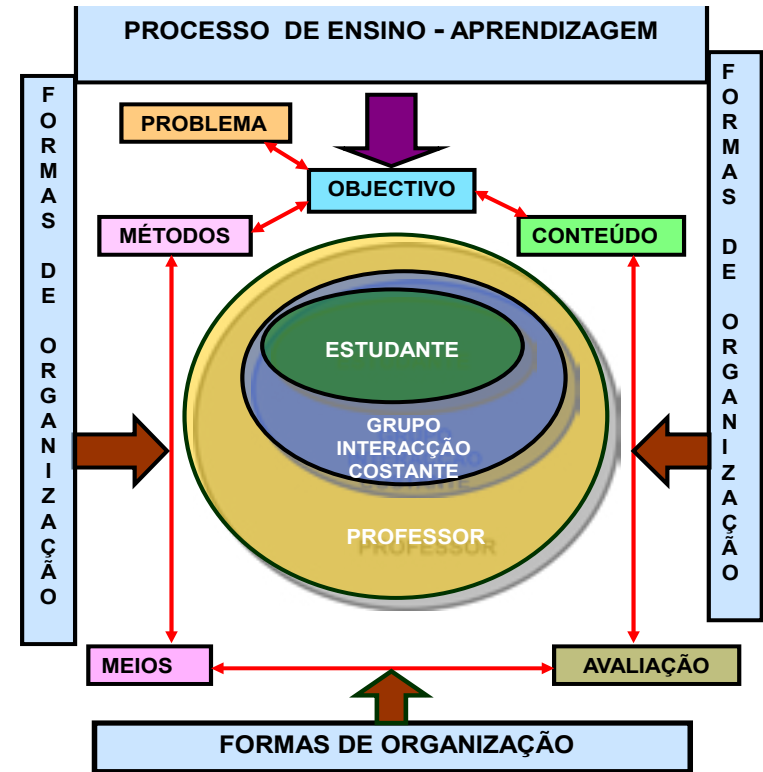
Aprendizagem

A aprendizagem é o processo através do qual, o sujeito muda de comportamento, apropria-se do conhecimento passando para o seu acervo cultural e intelectual o entendimento que adquirir sobre um determinado ramo do saber (Campos, 1987: 26).

Quando o aluno aprende é capaz de julgar, criticar (distinguir o real do aparente) e tomar decisões de forma consciente, assim, estamos em presença de uma aprendizagem desenvolvedora. Segundo Calulo (2014) "(...) uma aprendizagem é eficaz e eficiente quando o sujeito é capaz de exteriorizar o aprendido".

Inter-relação entre os componentes do P.E.A

(veja a imagem próxima página)



Em continuação apresentamos algumas perspectivas em que deve ser analisada a aprendizagem:

- A aprendizagem é activa: a aprendizagem é um processo activo resultante de processos internos ou de actividade mental construtiva do sujeito. Outra pessoa pode nos ensinar, mas ninguém pode aprender por nós. A aprendizagem de novos conteúdos implica uma série de processos, tais como seleccionar

informação, estabelecer relações, deduzir, induzir etc. Aprender desde este ponto de vista significa que se produz uma mudança não apenas no que diz respeito às informações ou aos conhecimentos que se têm sobre um aspecto da realidade, mas também nas possibilidades de continuar aprendendo.

- A aprendizagem é um processo individual: aprender não é copiar a realidade ou a informação externa sem alterá-la, mas desenvolver uma representação pessoal e única de tal realidade. Esta representação não ocorre no vazio, mas tem como base os conhecimentos anteriores, experiências e motivações de cada pessoa, o que faz com que, em cada caso, o processo de aprendizagem seja único, sem condições de repetir-se. Aprender implica, portanto, atribuir sentido e construir significados em relação ao novo conteúdo objecto de aprendizagem, estabelecendo vínculos entre tal conteúdo e o que já sabemos. Mesmo que um grupo de alunos fosse submetido a uma mesma experiência, a aprendizagem seria diferente para cada indivíduo. Isto porque cada aluno, incorpora a cada situação uma combinação singular de experiências anteriores.
- A aprendizagem é um processo social: apesar da aprendizagem ser um processo interno e individual, isto acontece a partir dos processos de interacção social com outras pessoas,

sejam adultos ou crianças. Segundo Vygostky, (1988) “(...) todas as funções psicológicas superiores aparecem, primeiro, no plano da interacção social ou inter-psicológica, estabelecida entre o aluno e os diferentes agentes educativos, para depois passar ao plano individual ou intra-psicológico”. Quer dizer, o que aluno pode fazer, em um primeiro momento, com a ajuda de outros, por meio da interacção social, depois é capaz de fazer por si só. A chamada “zona de desenvolvimento próxima” localiza-se entre o que o aluno(a) é capaz de fazer com a ajuda de outros e o que pode fazer por si mesmo.

Portanto, a educação deve intervir na zona de desenvolvimento próxima, no que se refere às actividades que o aprendiz ainda não é capaz de realizar por si só, mas que poderá chegar a realizar se receber a ajuda necessária. A natureza social da aprendizagem reflecte-se no facto de que muitas aprendizagens ocorrem em grupos. Compartilhar a aprendizagem com outros pode tornar-se algo estimulante e enriquecedor.

- Aprendizagem significa mudança: aprender de forma significativa implica modificar os esquemas anteriores em função de uma nova ideia, facto ou informação, para chegar a uma nova conceituação, mais ampla e rica em matizes. Para que isto aconteça, é necessário

que a nova informação ou experiência provoque um conflito ou desequilíbrio nos conhecimentos e estruturas que já possuímos, de tal forma que nos obrigue a revisá-los e modificá-los, descartando dados, combinando informações e ampliando compreensões. Se os novos conteúdos mostram-se excessivamente distanciados dos conhecimentos anteriores, ou já são conhecidos, os conhecimentos prévios não serão alterados. A mudança de esquemas prévios implica, consequentemente, um processo de equilíbrio inicial – desequilíbrio – reequilíbrio posterior.

- A aprendizagem nunca é completa: a aprendizagem no ambiente escolar deve permitir que o aluno compreenda o assunto por meio de exemplos ligados ao seu cotidiano para que, posteriormente, ele seja capaz de resolver problemas mais complexos. A aprendizagem que atribui significado ao conceito permite que os alunos tomem decisões com mais segurança e autonomia em diversas situações.

Chamamos de aprendizagem significativa essa intenção de propiciar aos alunos condições para os conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais, favorecendo o desenvolvimento de competências e habilidades, valores e princípios éticos para atuarem na sociedade.

Ausubel(1982) afirma que a aprendizagem significativa ocorre somente quando o aluno é capaz de perceber

que os conhecimentos escolares são úteis para sua vida fora da escola. E, por isso, os professores precisam estar sempre atentos e reflectirem sobre como ajudar os alunos a compreenderem a importância dos saberes escolares e a maneira de aplicá-los na vida em sociedade.

Para proporcionar a aprendizagem significativa, uma das estratégias é a sequência didáctica. Dolz e Schneuwly (2004) defendem que as sequências didácticas são instrumentos que podem nortear os professores na condução das aulas e no planeamento das intervenções. Além disso, entendem que a sequência de actividades deve permitir a transformação gradual das capacidades iniciais dos alunos. As actividades podem ser concebidas com base no que os alunos já sabem e, a cada etapa, aumentar o grau de dificuldade, ampliando a capacidade desses estudantes.

De modo geral, podemos afirmar que a aprendizagem significativa é, por definição, uma aprendizagem compreensiva e inter-relacionada, sendo que, diferentemente da aprendizagem do tipo mecânica e repetitiva, jamais termina porque é susceptível a distintos níveis de aprofundamento. Os alunos continuam desenvolvendo a compreensão à medida que se confrontam novas idéias com conhecimentos prévios. As idéias antigas podem ser modificadas à luz de novas experiências, daí a sensação de que quanto mais sabemos sobre um assunto, mais conscientes estamos quanto ao que nos resta em aprender.

A aprendizagem significativa consiste na assimilação e compreensão da essência de uma determinada forma de conhecimento bem como a sua aplicação prática incluindo as suas limitações. Estamos perante a aprendizagem significativa, quando o aluno é capaz de transcender a informação que lhe é passada. Isso ocorre quando o aluno é convidado, motivado e persuadido a reflectir de maneira crítica sobre o conteúdo. Portanto, “a aprendizagem significativa, exige que o professor traga situações da vida real para que o aluno possa dar sentido ao conteúdo teórico” (Buchweitz, 2001).

Segundo Ausubel (2011: 2) “(...) o professor que emprega os métodos da aprendizagem significativa, deve garantir a observância do rigor e relevância que a ciência exige para evitar que os alunos façam da aula um momento lúdico”.

- A aprendizagem poder ser agradável: trata-se de algo de que muitos alunos duvidam seriamente, ao recordarem seus anos escolares. A aprendizagem pode ser difícil, mas, ao mesmo tempo, agradável. Até mesmo cometer erros pode ser estimulante. Quantas vezes uma pessoa cai ao aprender a andar de bicicleta? É preciso ter em conta que com os erros também se aprende. Os aspectos afectivos e emocionais têm grande influência na aprendizagem. A motivação favorável para aprender e a auto-estima são condições essenciais para construir aprendizagens significativas. Se os aluno(a)s se sentirem

queridos e valorizados e se as situações de ensino forem prazerosas, mais facilmente estarão motivados em aprender.

Segundo Campos, (1987) “(...) a aprendizagem memorística, decorre da fixação e reprodução de algum conteúdo previamente experimentado (sentido, lido, ouvido tocado etc.)”. Esta aprendizagem é geralmente resultante de palestras, pregações e aulas expositivas. Neste tipo de aprendizagem, o aluno é receptor passivo da informação e quando lhe é solicitado o conhecimento que domina sobre algum tema previamente fixado, reproduz simplesmente o que fixou sem sentir posse daquilo que diz.

Na vida prática é comum encontrar alunos que dizem: “(...) o meu professor ensinou assim (...)”. Este tipo de justificações decorre da aprendizagem memorística. O aluno fixou uma informação que não considera sua, ou seja, não domina. Não significa nada para ele. Por isso, não é capaz de criar algo novo a partir do que aprendeu. Convém notar, que isso não ocorre apenas com os alunos do ensino médio ou secundário, mas sim, estende-se para outros níveis.

Os alunos estão na fase de aquisição de conhecimentos, capacidades e habilidades que no futuro poderão pôr em prática, para dar resposta as exigências que a sociedade poderá lhes impor, por isso, é necessário que tenham sempre presente a aprendizagem significativa. Como condição necessária para uma formação integral.

- Organização do estudo fora e dentro da sala de aulas: segundo Vigotsky (1988) “(...) cada aluno é capaz de aprender uma série de aspectos que tem haver com o seu nível de desenvolvimento, pelo que existem outras fora do seu alcance que podem ser assimiladas com a ajuda de um adulto ou de um colega de assimilação rápida”. Corroboro plenamente com esta premissa e todavia é importante salientar que todos se beneficiam e se transformam com a interacção.

Quando o aluno chega no II Ciclo, passa a ser responsável por organizar o seu próprio estudo independente onde a interacção é um elemento a ter em conta. Assim, na escola secundária, atribuições de trabalho devem ser a curto prazo e desta maneira, os professores ajudam os estudantes a distribuir melhor o seu tempo de estudo. Se o aluno não gerenciar adequadamente o seu tempo, corre o risco de não conseguir terminar suas tarefas nos prazos estabelecidos. Realmente, existe muito a ser feito em pouco tempo. Portanto, qualquer falha nos métodos de estudo deve ser retificada o mais breve possível. Pelo que, não é suficiente colocar o estudo em horas regulares previamente definidas. É preciso ter certeza de que o tempo está sendo bem utilizado.

Análise quanto ao tempo de estudo é realmente necessária. Como estudante deste Ciclo de Ensino é conveniente ter a capacidade e a responsabilidade de se auto perguntar: Estou realmente aprendendo ou pensando, ou simplesmente esperando o tempo

passar? Tome cuidado em não estar a satisfazer a consciência fazendo uma série de actividades desnecessárias, que preenchem o seu tempo e livram-te do exercício de pensar. Em continuação apresentamos alguns elementos a ter em conta para uma boa organização do estudo:

- Planifique o trabalho a ser cumprido nas horas reservadas para o estudo durante a semana, o mês e o trimestre, de modo que estejas certo de que foi alocado o tempo necessário para cada disciplina.
- Dê prioridade às actividades mais importantes ou mais difíceis. O tempo de estudo deve ser arranjado de modo que os assuntos que necessitem um estudo mais cuidadoso ou uma atenção especial sejam feitos em primeiro lugar, quando ainda se está com a cabeça fria.
- Reserve tempo adequado para um intervalo de descanso. Estudar quando se está cansado é improdutivo, logo, uns poucos minutos de descanso possibilita aproveitar melhor as próximas horas de estudo. Outro perigo é o inverso, ou seja, períodos frequentes de descanso para pouco tempo de estudo.
- Procure descansar quando estiver fatigado e não quando estiver aborrecido, porque tarefas tediosas (aborrecidas) geralmente se tornam mais tediosas ainda depois de um intervalo de descanso.

Entender é a chave para aprender e aplicar o que foi aprendido. Se um tópico não foi bem entendido é aconselhável consultar um livro da bibliografia recomendada pelo professor, ou então, discutir com um colega de classe que julgamos ter entendido o assunto. Principalmente, não tenha receio em interpelar o professor, para esclarecer qualquer ponto que não esteja bem entendido. Se assim se portares serás um excelente aluno.

Muitas vezes o estudo é desperdiçado porque os alunos entendem incorretamente o que é necessário. Em todas as aulas aparecerão factos, técnicas ou habilidades a serem dominadas. Também existirão princípios fundamentais que vão nortear e fundamentar tudo que está sendo aprendido (é fundamental identificar estes elementos). É necessário perceber que a aprendizagem de qualquer tópico de estudo somente é eficaz quando, durante o processo de fazer, ocorre também o processo de pensar o que se faz.

Em todos os cursos, os professores geralmente procurarão relacionar a teoria apresentada a uma série de exemplos ou exercícios. É importante que durante o tempo de estudo independente se refaçam os exemplos apresentados pelo professor, procurando novos exemplos e resolvendo todos os exercícios propostos, mesmo os que já tenham sido resolvidos em aula.

O aluno na sala de aula

Á presença do aluno na aula, não quer dizer estar somente de corpo presente na sala. É necessário

ter os objectivos bem definidos, ter motivação e a cima de tudo ter um grande índice de interesse para uma boa interacção. Na escola secundária o aluno passa parte significativa do dia dentro de uma sala de aulas. Deste modo, ele deve aprender a aproveitar no máximo este tempo, prestando atenção e tirando dúvidas.

Não deixe dúvidas, que surjam durante uma aula, para serem resolvidas depois. Perguntas geralmente ajudam o andamento da aula, auxiliam o professor e muitas vezes uma dúvida que se tenha, será comum a outros colegas. Tenha em mente que o sucesso de uma aula é com responsabilidade do professor e alunos. Portanto, é importante saber que acompanhar as aulas implica ter todos os conteúdos das aulas anteriores, por isso, procure disciplinar-se neste sentido, pois será fácil recuperar uma aula não compreendida.

Aprenda a tomar notas de aulas. Não é suficiente anotar o que o professor escreve no quadro, anote também pontos relevantes do que o professor diz. É aconselhável deixar bastante espaço livre em suas notas para depois colocar suas próprias observações e as possíveis dúvidas. Não tente tomar nota de tudo o que é dito em uma aula, simplesmente anote os pontos que julgares importantes.

Procure ler as notas da aula sempre que possível, depois de cada aula (e não somente em véspera de provas), marque pontos importantes e faça resumos. Este é um bom modo de começar seu tempo de estudo de cada dia. Ao repassar suas notas da aula

trabalhe, pense e verifique o fundamental. Não vale a penas recopiá-las de forma mecânica e caprichosa.

Sempre que estiveres diante de um problema, debes ler o enunciado cuidadosamente, entender a pergunta, usar sua compreensão e responder.

Trabalho diferenciado com os Alunos na sala de aula

Sou professor ja a mais de 12 anos e já leccionei em todos os niveis de ensino, ou seja, do ensino primário até ao Ensino Superior. E durante os últimos anos tenho tido o privilégio de trabalhar com alunos de bom empenho e tenho aprendido muito com estes alunos. E o que todos eles têm em comum? Amor. Dedicam horas sobre um único problema, totalmente concentrados sem sequer sentir o tempo passar. Como eles conseguem isso? Amando o que fazem.

Assim, o nosso desempenho em qualquer actividade está directamente ligado ao prazer ou desprazer que sentimos ao executá-la. Assim, se você se dispõe a passar um ano de sacrifício para atingir uma meta, já está se preparando para passar a maior parte dos seus dias executando tarefas desagradáveis. Isto afecta sua motivação, diminui o seu desempenho e torna-o mais susceptível a distrações. Alunos que encaram assim seus estudos têm dificuldade de concentração, pois frequentemente estão pensando nas diversões que estão perdendo enquanto estudam.

Com os bons alunos, é exactamente o contrário. Eles não abdicam (renunciam) da diversão para estudar. Eles se divertem estudando. Por isso aprendem

em poucas horas o que muitos levam meses para assimilar.

Você gostaria de aumentar significativamente sua capacidade de compreensão e assimilação de qualquer tema que estejas estudando?

Aprenda a amar o objecto de estudo. Aprender a amar? Como assim? Amar não se aprende, ou você sente amor por algo ou não sente.

Se esta é sua reacção, e você realmente acredita não ser possível aprender a amar, provavelmente não es um bom estudante. Mas se você acredita que amar é uma arte eis aqui algumas sugestões:

-Adquira o hábito de fazer esta pergunta diante de tudo o que for estudar: porque alguém um dia amou isto? O conhecimento humano, especialmente o mais antigo, existe porque alguém um dia interessou-se intensamente a ponto de desenvolvê-lo, e muitas outras pessoas interessaram-se a ponto de assimilá-lo e transmiti-lo. Muitas vezes, a forma como que o conhecimento é transmitido esconde sua verdadeira essência, tornando-o menos interessante e menos amável. Procure a essência. Pesquise.

-Uma ótima idéia é conversar com quem já ama o que você quer aprender. Seu professor, ou aquele colega de classe apaixonado pelo assunto. Pergunte a eles por que gostam tanto daquilo, o que os leva a serem tão apaixonados por aquele assunto.

-Outra sugestão é lembrar-se de um momento específico da sua vida em que você amou estudar um conteúdo. Ou pelo menos amou aprender uma

temática. Lembre-se do que sentiu, e como. Lembre-se das circunstâncias que favoreceram tal estado emocional. Lembre-se também de como tudo ficou mais fácil e natural. Agora, procure activamente reproduzir tais circunstâncias favoráveis sempre que decidir estudar.

- Não se limite! Ao estudar para um exame ou concurso específico, não cometa o erro de restringir-se aos temas divulgados. Vá além. É o seu crescente interesse que o ajudará a passar cada vez mais tempo estudando com prazer.

A curiosidade é uma mola impulsionadora para a rápida aprendizagem dos alunos. O hábito tão comum do estudar para passar leva muitos estudantes a memorizar informação que não entendem, e tal informação é rapidamente esquecida. Exercite sua curiosidade. Habitue-se a perguntar o porquê.

A respeito do anteriormente exposto, hábito de estudar para passar, vale comentar uma situação comum que vivencio regularmente na sala de aulas:

Após dedicar-me a explicar idéias e conceitos profundos envolvidos na solução de um determinado problema, pergunto se todos entenderam, a minoria responde activamente e a maioria faz sim com a gestos, fugindo assim, a responsabilidade de uma possível avaliação. Ao abrir para perguntas alguém se anima em dar resposta e a quem nem se quer se interessa. Assim, segundo Vigostky: “(...) o meio social não é uma simples condição que favorece ou obstaculariza a aprendizagem e o desenvolvimento individual. Os actos de interacção entre los alunos não

dependem simplesmente do que ocorre no interior de cada um, se não também do que produz a própria interrelação entre sujeitos. A influência dos outros é um dos factores determinantes no desenvolvimento individual”. Esta visão de Vigostky, nos leva a concluir que para uma boa aprendizagem é necessário que haja no ambiente escolar, uma interacção agradável onde os estudantes não tenham temor de exteriorizar o que sentem relativamente diante do professor.

É necessário como alunos deste Ciclo de ensino, saber expor de maneira adequada (educada, um tom suave, num clima de respeito,[...]) as possíveis dúvidas para facilitar o professor, assim como a sua compreensão e dos seus colegas. Porque muitas vezes a forma com que o estudante expõe a dúvida revela indisciplina. Procure disciplinar-se neste sentido, e assim sairá sempre da sala de aula motivado e com grandes ganhos instrutivos e educativos, evitando assim, a grande nuvem escura que paira sempre entre o aluno e o Professor.

É importante salientar que o estudante só consegue ter sucesso escolar quando amar o objecto de estudo, por isso, ame estudar, ame aprender e você se tornará melhor cada dia, todos os dias e sempre.

O clima positivo da aula: uma via para o desenvolvimento da auto-estima dos estudantes

As aulas inclusivas assumem uma filosofia segundo a qual todos podem aprender e são membros da sala de aula com direitos iguais. Em uma aula inclusiva, as diferenças são consideradas uma boa oportunidade

para o aperfeiçoamento e enriquecimento dos processos de ensino e aprendizagem.

Os professores que se preocupam em acolher e incluir todos os seus aluno(a)s tendem a realçar o ambiente social na sala de aula, servindo como exemplo e ensinando a respeitar e valorizar as diferenças. Os mesmos estudantes que aprendem que , podem aprender rapidamente que na sala de aula é possível ler livros de diferentes níveis de dificuldade sobre o mesmo tema.

O clima emocional na sala de aula tem uma grande influência não só no bem-estar dos aluno(a)s, mas também no êxito da aprendizagem. Estudo realizado pela UNESCO sobre os factores associados à aprendizagem demonstrou que a percepção que os aluno(a)s têm quanto ao tipo de clima emocional existente na sala de aula é uma variável que, por si só, tem maior incidência nos resultados da aprendizagem do que o conjunto de outras variáveis da sala de aula. Neste mesmo estudo ficou igualmente evidenciado que nas escolas em que a turma de aluno(a)s era heterogênea e não havia discriminação quanto ao gênero, raça e capacidade, o nível de êxitos era maior.

Essas descobertas coincidem com o assinalado por Milicic (2001), em relação ao ambiente escolar, na percepção dos estudantes, que tem a ver com a auto-estima e com a capacidade do sistema escolar de reter os estudantes. Um estudo de Hoger Smit y Hanson (1990), sobre os aspectos da vida escolar que se relacionam com a auto-estima, indicou que,

além do rendimento, o factor mais relacionado com a auto-estima é a percepção positiva do ambiente escolar por parte dos aluno(a)s. As descobertas indicaram que um ambiente escolar que estimule a criatividade e a livre escolha dos aluno(a)s melhoram sua auto-estima. Isso justifica a necessidade do professor estar atento especialmente para a criação de um clima emocional favorável à aprendizagem e à participação nas aulas.

Alguns aspectos a considerar podem ser os seguintes:

- Reconhecer em cada aluno uma pessoa única e dedicar-lhe afeto incondicional. As relações entre professor(a)s e aluno(a)s são determinantes para o processo de ensino e aprendizagem, tornando-se, portanto, essencial estabelecer relações autênticas e adotar uma atitude de abertura. Portanto, é necessário:
- demonstrar respeito por todos os aluno(a)s;
- destinar um tempo para ouvir os aluno(a)s, tanto em grupo como individualmente;
- fazer com que nenhum aluno seja “invisível”, dirigindo-se a cada um em particular nas diversas actividades;
- desenvolver relacionamento que demonstre coerência e justiça e que gere confiança nos educando(a)s;
- compreender e mostrar que a comunicação com os aluno(a)s pressupõe tanto ouvir quanto falar;
- fazer com que as aulas se tornem situações em

que o aluno(a) possa experimentar, sem temor, condutas que pressuponham escolhas, riscos e responsabilidade pessoal;

- fixar limites e expectativas de actuação e comportamento dos aluno(a)s na aula e na escola.

Quando os professores adoptam formas colegiadas de realização de actividades ou tomadas de decisão na sala de aula, esta forma de se relacionar e colaborar são absorvidas mais rapidamente pelos aluno(a)s. Grandes expectativas e retorno positivo: desenvolver a auto-estima e o desenvolvimento emocional dos aluno(a)s é fundamental para a aprendizagem efetiva. Existem suficientes evidências da grande influência da auto-estima no rendimento escolar, no equilíbrio emocional, na evolução pessoal e no sucesso na vida em geral. Segundo Milicic (2001), "(...) a auto-estima é importante porque se as pessoas não gostam de si mesmas dificilmente poderão ser felizes e fazer os outros felizes. Quando as críticas excessivas diminuem a auto-estima, não se confia em si mesmo, nem na própria capacidade de fixar metas e alcançá-las".

- Fomentar cooperação e bom relacionamento entre os aluno(a)s: é fundamental estimular o respeito e a valorização mútua entre os aluno(a)s e promover estratégias que fomentem cooperação e solidariedade, no lugar de competitividade. Os aluno(a)s devem reconhecer o potencial de seus colegas e valorizá-los como pessoas únicas. Para conseguir interacções positivas, é preciso estabelecer

canais de comunicação nos quais os aluno(a)s possam se expressar e se conhecer; por exemplo: assembléias de classe, debates ou discussões em pequenos grupos. O professor(a) é um modelo fundamental para os aluno(a)s.

Em consequência, deve prestar especial atenção às mensagens que emite sobre os estudantes, a fim de que não desqualifique ou implique em comparações entre os aluno(a)s. Se o professor(a) destacar as qualidades de todos os aluno(a)s, estes aprenderão também a valorizá-las.

- Tornar agradável o espaço da sala de aula: para facilitar a autonomia e a mobilidade dos aluno(a)s, é necessário adaptar os diversos tipos de actividades e grupos. Os aluno(a)s com maiores dificuldades deverão instalar-se onde tenham maior acesso à informação e possam comunicar-se e relacionar-se melhor com seus companheiros e com o professor(a). Se na sala de aula haver alunos com problemas sensoriais ou motores, é preciso criar condições adequadas de luminosidade, acessibilidade e sonorização.

O clima positivo da aula: uma via para o desenvolvimento da auto-estima dos estudantes

A leitura é uma das actividades mais importante na formação cultural do ser humano. Os seus efeitos abarcão a actividade intelectual, educativa e psicológica do sujeito. Por esta razão os sujeitos (leitores) do processo de ensino e aprendizagem devem criar hábito de leitura para que tenham um crescimento científico ascendente.

Durante a nossa investigação efectuamos análise em obras de autores como: Parott (1996) e Luaiza (1998) que escreveram relativamente a esta temática. Estes autores apresentam alguns requisitos para a leitura que segundo a nossa perspectiva são simplesmente para os estudantes e quem deve ler não é só o aluno ,mas sim ,também o professor. Estes requisitos não são suficientes para o desenvolvimento de leitura nos estudantes; assim como para o processamento da perspectiva do profesor, de favorecer o incremento das operações generalizadas que conduzem a atingir a habilidade generalizada.

Tendo em conta os argumentos anteriores apresentamos outros requisitos que complementam a concepção didáctica dinâmico-participativa e junto com os procedimentos diferenciados conduzir para lograr a referida habilidade. Os mesmos são resultados dos estudos teóricos e experimentais que permitiram corroborar sua efectividade como condições didácticas ao conceber a leitura como um processo dinâmico -participativo de comunicação inter-sujeitos.Em continuação oferecemos algumas vias para atigir a habilidade generalizada ler desde a perspectiva do leitor.

- Estabelecer um horário de leitura pessoal, ou seja, não se separam como períodos de leitura dias específicos, ou certas noites, o mais importante é que o esforço seja empreendido para obter êxito.
- Proporcionar suficiente tempo ,assim como, o meio que favoreça a meditação sobre o material que se examina.

- Abarcar o material nunca deve ser a meta, salvo que seja uma leitura recreativa. Se deve obter o ponto de vista general saber: a significação do conteúdo.
- Ler grupos fónicos preferentemente que cada palavra por si mesma. Isto permite ler com mais rapidez e ajuda a captar idéias em vez de esforçar-se para a descodificação de palavras.
- Realizar a leitura em silêncio, não se deve pronunciar as palavras nem mover os lábios ao ler. Isto permite que o sujeito(leitor) se concentre na actividade que realiza. O objectivo da leitura é descodificar a mensagem e não é transmitir-la a um auditório. Por outra, quando se lê para o teu próprio benefício se lê em silêncio.
- Diminuir a velocidade em materias complicados para assegurar-se de captar a ideia correcta; fundamentalmente, deve empregar-se em textos, cujo conteúdo não está em relação com a zona de desenvolvimento actual do leitor.
- Pensar, reflexionar e comparar a informação com os dados que já conheces durante o processo de leitura (fundamentalmente nos conteúdos interaccionais). Isto permite a potencialização da zona de desenvolvimento próximo de tal forma que o conteúdo da mensagem forme parte do plano intra-psicológico do leitor.
- Visualizar a leitura (especialmente nos textos literários), fazendo-se quadros mentais como via para situar inter-partes do texto.

- Analisar com outra pessoa os pontos que entendeste, fazendo isso os terás sempre em mente (fundamentalmente na leitura de estudo). Ao expressa-lo aprofundas a assimilação do mesmo (esta “expressão” não deve ser literal, mas sim, significativa), provocando que a informação forme parte do plano intra-psicológico.
- Distinguir o essencial do necessário, consiste na aquisição da informação de forma substancial (o essencial semânticamente) e a sua incorporação dentro da estrutura cognitiva. Se relaciona a informação con o conhecimento prévio. Isto permite ir a idéia essencial do texto.
- Predizer o conteúdo do texto sobre a base do título, os enunciados, lâminas e orações introdutorias. Em este tipo de texto, o título refere a essência textual pois, como demostraram Brown & Yule (1983), “o que o emissor apresenta primeiro influenciará no entendimento de tudo o que segue”.
- Eleger a operação ou operações adequadas (búscua, revisão, estudo e exploração) em relação com a natureza do conteúdo , texto o seu propósito.
Requisitos para processar a habilidade generalizada ler desde a perspectiva do profesor
- Preparar o sujeito (aluno) em relação as exigências de leitura; a partir do diagnóstico, introduzindo elementos teóricos e práticos a partir da sua zona de desenvolvimento actual e potencializando a sua zona de desenvolvimento próximo.

- Estruturar os exercícios a realizar durante o processo de leitura, de tal forma que o aluno utilize diferentes operações de acordo com o conteúdo e seu objectivo.
- Motivar o aluno para este processo e manter a sua constância. Fomentar a necessidade de desenvolver a habilidade generalizada ler e exercitar como lograr.
- Atender as diferenças individuais no desenvolvimento alcançado pelos leitores (alunos), na expectativa de uma operação generalizada a outra de maior complexidade.
- Não abusar com as críticas e combina-las com elogios.
- Fazer ênfase nos esforços e não só nos resultados.
- Alentar e apoiar os alunos quando fracassen: não utilizar ajudas prematuras e em seu lugar utilizar ajudas doseficadas.
- Não estabelecer comparações entre os estudantes/leitores, nem fomentar a comparação entre sí.
- Criar um ambiente (antes, durante e depois do processo de leitura) tranquilo e desprovido de formalismo.
- Implicar os estudantes no estabelecimento de metas ou objectivos a lograr. Eles devem estar conscientes da necesidade de adquirir e desenvolver a habilidade generalizada de ler.

Por quanto, se requiere de debates e reflexão acerca do seu papel como leitor e do papel que corresponde ao professor no processo de ensino de esta actividade comunicativa.

Postura do docente interessado em desenvolver a aprendizagem significativa

Ensinar constitui a actividade principal na profissão do docente e por isso, deve ser compreendida como uma 'arte' que envolve aprendizagem contínua e envolvimento pessoal no processo de construção permanente de novos conhecimentos e experiências educacionais, as quais preparam o docente para resolver novas situações ou problemas emergentes do quotidiano da escola e da sala de aula. Considerar o docente como "eterno aprendiz" é um dos princípios para maior investigação. No campo da educação, está instalada durante anos a polémica sobre: se os docentes precisam ter mais teoria (conhecimento científico) ou mais prática (conhecimento pedagógico).

Actualmente, os avanços no campo da educação evidenciam que ambos os conhecimentos são necessários, pois somente o conhecimento dos conteúdos das disciplinas (currículo) não garante que os estudantes aprendam, assim como apenas uma boa metodologia de ensino ou gestão da aula nem asseguram a aprendizagem dos conteúdos programáticos. A docência é e deve ser entendida como uma actividade com complexidade maior do que somente os processos de ensinar a aprender, uma vez que a docência implica, segundo Mauri (2002) em:

- Aquisição e desenvolvimento da capacidade de reflectir sobre sua prática pedagógica: o professor(a) deve ser capaz de inovar diariamente a partir da sua experiência de sala de aula, com o objectivo de aperfeiçoar e desenvolver sua prática de ensino, mediante processos de reflexão e pesquisa da própria acção. A aprendizagem da prática reflexiva exige que as actividades de formação dos docentes levem em conta as características dos contextos nos quais eles intervêm e os problemas reais que enfrentam na sua prática. A reflexão e análise da prática baseiam-se em uma permanente construção da realidade, o que implica contínua interacção entre os conhecimentos que o docente possui e a realidade na qual actua.

- Desenvolvimento da habilidade para trabalhar em equipa com outros docentes e profissionais: o trabalho colaborativo visa a elaboração de um projecto educacional conjunto, que assegure coerência e continuidade à acção educacional que cada docente desenvolve na instituição educacional.

- Reconstrução critica do papel da educação na nova sociedade do conhecimento e da informação: no actual contexto da globalização, os docentes terão de formar-se tanto no domínio dos recursos de informação quanto em habilidades sociais, cognitivas e linguísticas que lhes permitam responder criticamente à mudança. A formação em valores éticos e morais é também fundamental para contribuir com a igualdade de oportunidades

e o desenvolvimento de sociedades mais justas. À estas habilidades devem ser acrescentados conhecimentos, aptidões e atitudes para fazer face à diversidade; ou seja, os professores e professoras devem estar preparados para trabalhar com alunos e alunas procedentes de diferentes contextos sociais e culturais e com diferentes níveis de capacidade e ritmos de aprendizagem, a fim de garantir a participação, a aprendizagem e o sucesso escolar de cada um.

A profissão de professor creio ser a mais nobre do mundo sem desconsiderar as demais. É uma profissão que exige um excelente grau de humildade científica, paciência, sentido crítico, competência e acima de tudo amor. É evidente que sem amor a nossa actividade nunca é exitosa. Nesta conformidade, entendemos que para que tenhamos sucesso em qualquer actividade em que estejamos envolvidos é necessário amor.

Sabemos que a perícia pedagógica é uma arte e é a chave para o sucesso escolar. Logo, quando o docente não domina assuntos pedagógicos, didácticos e da Andragogia contribui para o insucesso escolar. Assim, o profissional de educação deve perceber qual é o seu verdadeiro papel. O papel do professor não deve se limitar simplesmente no instrutivo, mas sim, deve ter em conta sempre a função educativa e a desenvolvedora.

Daí a necessidade do profissional ter sempre presente, a Didáctica Integradora que permite:

- Um processo excelente de socialização, comunicação que propicia a independência cognoscitiva e a apropriação do conteúdo de ensino.
- A formação do pensamento lógico e consequentemente o desenvolvimento das habilidades intelectuais, que permitem aos alunos chegar a essência, estabelecer nexos, relações, aplicar o conteúdo na prática social, de modo tal que solucione problemas não só do âmbito escolar, se não também familiar e da sociedade em geral.
- Valoração pessoal do que se estuda, de modo que o conteúdo adquira sentido para o aluno e este interiorize o seu significado.
- Estimular o desenvolvimento de estratégias que permitem regular o modo de pensar e actuar, que contribuam para a formação de accões de orientação, planificação, valoração e control.
- Formar um indivíduo capaz de compreender os problemas nacionais, regionais e internacionais de forma crítica e construtiva para a sua participação activa na vida social.
- Promover o desenvolvimento da consciência pessoal e social dos alunos.
- Fomentar o respeito devido aos outros indivíduos.
- Desenvolver o espírito de solidariedade entre os estudantes e não só.

Quando se faz referência ao perfil exacto de um profissional de Educação, se põe em evidencia, a necessidade de alterar a posição do docente com respeito a direcção de processo docente educativo. De forma, que a interacção no processo seja saudável. Pois, num processo onde a interacção professor-aluno, aluno-professor, professor-conteúdo, aluno-conteúdo é agradável, o rendimento escolar é realmente satisfatório.

Para que se efective o anteriormente exposto é necessário que o professor tenha uma visão de educação no sentido significativo, onde a utilização de sequências didácticas sejam graduadas progressivamente.

Sequência didáctica é um conjunto de actividades concebidas e organizadas de tal forma que cada etapa está interligada à outra. O professor ao planificar tem como objectivo ensinar um determinado conteúdo, começando por uma acção simples até chegar às operações mais complexas. Ou seja, elas são elaboradas de modo a respeitar os graus de dificuldade que os alunos irão enfrentar nas tarefas, tornando possível sua superação.

Para isso, é importante que o professor tenha claro quais as expectativas de aprendizagem que deseja alcançar em uma determinada aula ou período (semana, mês, trimestre, etc.).

A definição de expectativas de aprendizagem, encontrada em diversos documentos oficiais de secretarias de Educação, se baseia em critérios como: relevância social e cultural; relevância para a

formação intelectual do aluno e potencialidade para a construção de habilidades comuns; possibilidade de estabelecer conexões interdisciplinares e contextualizações, acessibilidade e adequação aos interesses da faixa etária do aluno.

Antes de elaborar a sequência didáctica, o professor deve fazer um diagnóstico do conhecimento prévio dos alunos e, com base nesses resultados, formular as actividades com o objectivo de ampliar as aprendizagens. Conhecimento prévio é um conjunto de concepções, representações e conhecimentos adquiridos pelo aluno em experiências anteriores, que podem ter acontecido dentro ou fora da escola. Esses conhecimentos prévios determinam em boa parte o conjunto de informações que ele selecionará para tentar resolver as actividades apresentadas na aula.

As sequências didácticas também poderão articular outras actividades e disciplinas, criando situações para pesquisa, leitura, interpretação, análises, levantamento de hipóteses e tomadas de decisão e de validação.

Quando bem elaborada, a sequência didáctica privilegia os conhecimentos prévios dos alunos, permitindo que eles argumentem e apresentem hipóteses, o que também favorece a boa interacção entre colegas e com o professor. Essas actividades devem instigar a curiosidade e motivar o aluno a aprender os novos conceitos. Saber o que os alunos já conhecem também permite ao professor

prever as possíveis dificuldades dos estudantes e preparar intervenções adequadas para serem utilizadas durante a sequência de actividades. Em este processo, a avaliação tem papel importante porque ajuda o professor a reflectir sobre os avanços na aprendizagem dos alunos. As aulas podem ser avaliadas de várias maneiras por meio de conversas realizadas durante o desenvolvimento da sequência didáctica, de actividades escritas individuais ou coletivas ou de observações feitas pelo professor. É importante que o professor compreenda que as avaliações dos alunos expressam o que eles já aprenderam e apontam onde ainda precisam de ajuda. E é com base nessas informações que o professor poderá reorganizar suas acções didácticas e ajudar os alunos a superarem suas dificuldades.

Para uma boa interacção no processo de ensino-aprendizagem é necessário que a comunicação seja democrática, participativa e inclusiva.

Princípios orientadores da prática de ensino inclusiva

Estes princípios têm a finalidade auxiliar os professores e professoras na reflexão e revisão de suas concepções e práticas educacionais, atitudes em relação aos estudantes, visando transformar as práticas de ensino na sala de aula a partir da participação em actividades de formação para o uso de práticas de ensino inclusivas que respondam de forma mais efetiva às necessidades educacionais dos estudantes e à diversidade nas escolas.

Neste contexto, entende-se que constitui um grande desafio garantir o apoio ao docente para que ele(a) possa se responsabilizar por seu próprio processo de aprendizagem e não ter medo de assumir riscos ao inovar as práticas de ensino. A diversidade existente no contexto educacional angolano é significativa e não pode ser ignorada, por isso, em continuação apresentamos uma série de princípios, os quais se aplicam a todas as situações educacionais porque criam maiores possibilidades de aprendizagemem qualquer contexto educacional. Esses princípios são:

- Aprendizagem activa e significativa

Abordagens que encorajam os participantes (docentes, estudantes, pais/mães) a envolver-se em actividades de aprendizagem.

Os métodos activos de aprendizagem implicam que os participantes (de um curso ou classe) trabalhem cooperativamente para desenvolver capacidades, conhecimentos e adquirindo habilidades para resolver conjuntamente problemas. Além de serem estratégias de aprendizagem mais agradáveis, as mesmas ajudam cada participante a transpor barreiras e superar temores gerados pelas mudanças introduzidas pelo trabalho cooperativo e apoio mútuo.

A nossa visão é de que as actividades e metodologias de ensino-aprendizagem propostas ajudem a promover participação activa dos docentes em seu processo de revisão e aprendizagem de práticas de ensino inovadoras e inclusivas, assim como construir

novos conteúdos de aprendizagem a partir de seus conhecimentos e experiências anteriores.

- Negociação de objectivos

Abordagens em que as actividades consideram as motivações e interesses de cada participante. Cada participante possui idéias, motivações, experiências e expectativas próprias. Assim, sempre que possível, o docente deve criar situações em que cada estudante pode fazer suas escolhas, estabeleça suas próprias prioridades, as quais podem ser modificadas após as leituras, apoio ou participação nas actividades.

Na formação docente os professores e professoras possuem necessidades e prioridades pessoais que, na medida do possível, devem ser consideradas durante a formação para que a aprendizagem se torne mais significativa e relevante. Assim, é importante que, no início dos cursos de formação, cada participante estabeleça seus próprios objectivos de aprendizagem e que haja um processo de negociação, para que os objectivos sejam compartilhados pela maioria dos integrantes do grupo.

- Demonstração, prática e feedback (retroalimentação)

Abordagens em que se propõem modelos práticos, demonstra-se a sua aplicação/uso e se oferecem oportunidades para haver uma reflexão sobre as mesmas.

Numa aula inclusiva, a demonstração do que se espera que os alunos e alunas realizem é fundamental

para garantir que a orientação do professor(a) esteja clara para todos. Quando o estudante vê na prática o que o professor(a) pede para ser realizado, isto aumenta as chances de participação do aluno(a). Da mesma forma, quando o estudante recebe feedback (comentários) do professor(a) e colegas sobre o que realizou, isto o ajuda a rever sua própria aprendizagem, assim como emitir sua opinião sobre a mesma.

Na formação docente diferentes estudos têm mostrado que a combinação dessas três estratégias facilita a introdução de novas formas de trabalho nas escolas. Por este motivo, durante o processo de formação os docentes têm a oportunidade de observar diferentes métodos e estratégias, de vivenciar e aplicar as mesmas, assim como de emitir e receber comentários sobre o processo realizado.

- Avaliação permanente

Este principio promove a investigação e a reflexão como meios de revisão da aprendizagem.

Numa classe inclusiva é importante que os participantes estabeleçam seus objectivos, avaliem seus progressos, ou seja, avaliação contínua é uma forma de manter o estudante e o docente informados sobre o que foi e está sendo adquirido durante a escolarização. Para o docente, o acompanhamento regular das aquisições de cada aluno(a) assegura o empenho na melhoria da prática pedagógica.

Na formação docente a participação activa no processo de aprendizagem implica também a possibilidade da auto-regulação de tal processo, o que significa que os docentes, se responsabilizem pela avaliação de seu progresso individual e do processo de formação. Essa avaliação permanente permitirá introduzir as mudanças necessárias à otimização da aprendizagem e à participação de todos.

- Apoio e colaboração

Abordagens que ajudam os indivíduos a correrem risco, tentarem alternativas que sejam mais efectivas ao processo de ensino e aprendizagem.

O sistema educacional tradicional tem se caracterizado pela individualização do processo de ensino e aprendizagem. Na abordagem inclusiva o apoio constitui um elemento significativo do processo escolar, particularmente nas actividades realizadas na sala de aula. Aprender e resolver tarefas pode gerar tensão, a qual pode se tornar uma barreira à aprendizagem. O apoio entre os pares ajuda a combater a tensão e cria um ambiente mais responsivo à aprendizagem e sucesso.

Na formação docente quando existe apoio e colaboração nas actividades a serem realizadas durante as aulas, a aprendizagem se torna mais eficaz, além de incentivar aos participantes a assumirem riscos maiores uma vez que se sentem apoiados pelo facilitador ou pelos colegas.

- A diversidade na escola

Tradicionalmente, a escola tem sido marcada em sua organização por critérios seletivos que tem como base a concepção homogeneizadora do ensino, dentro da qual alguns estudantes são rotulados. Esta concepção reflecte um modelo caracterizado pela uniformidade na abordagem educacional do currículo: uma aula, um conteúdo curricular e uma actividade para todos na sala de aula. O estudante que não se enquadra nesta abordagem permanece à margem da escolarização, fracassa na escola e é levado à evasão. Muitas vezes o estudante rotulado ou classificado por suas diferenças educacionais é excluído ou encaminhado à especialistas de áreas distintas (fonoaudiólogo, fisioterapeuta, etc.) para receber atendimento especializado.

O não reconhecimento da diversidade como um recurso existente na escola e o ciclo constituído pela rotulação, discriminação e exclusão do estudante, contribui para aprofundar as desigualdades educacionais ao invés de combatê-las. A fim de equiparar as oportunidades para todos, os sistemas educacionais precisam promover uma reforma profunda, cuja característica central deve ser a flexibilização do conteúdo curricular e o modo como o currículo é incorporado à actividade escolar.

Em uma escola inclusiva, a situação de desvantagem ou deficiência do aluno, não deve ser enfatizada. Ao invés disso, a escola deve adquirir uma melhor compreensão do contexto educacional onde as

dificuldades escolares se manifestam e buscar formas para tornar o currículo mais acessível e significativo. Somente quando o sistema educacional consegue promover um ajuste relevante que responda de forma efetiva à diversidade da população escolar, é que a escola estará assegurando o direito de todos a uma educação de qualidade.

Neste sentido, o reconhecimento e a abordagem da diversidade constituem o ponto de partida para evitar que as diferenças se transformem em desigualdades e desvantagens entre os estudantes. Isto pressupõe educar com base no respeito às peculiaridades de cada estudante e no desenvolvimento da consciência de que as diferenças resultam de um complexo conjunto de factores, que abrange as características pessoais e a origem sócio-cultural, assim como as interações humanas. Esta concepção educacional com fundamento social e político, atribui ao currículo importante valor de transformação na medida em que proporciona as mesmas oportunidades a todos os aluno(a)s e, desta forma, compensa desigualdades sociais e culturais.

Algumas das idéias básicas próprias da educação inclusiva foram referidas por Alvarez e Soler (1998), destacando-se as seguintes:

- Levar sempre em consideração o facto de que as pessoas são diferentes e que, portanto, a escola deve ajudar cada um a desenvolver suas aptidões no contexto comum a todos, livre de selecção e da consequente classificação de aluno(a)s em diferentes tipos de instituições especializadas.

- Eliminar o espírito de competitividade, a partir do qual a visão do mundo se restringe a uma corrida na qual apenas alguns conseguirão chegar ao final.
- Oferecer oportunidades a todos para compensar as desigualdades existentes, mas sem educar para formar pessoas iguais.

No atendimento à diversidade podem ser apontados alguns princípios, entre os quais, destacam-se:

- Personalização em lugar de padronização: reconhecer as diferenças individuais, sociais e culturais dos aluno(a)s, a partir das quais a acção educacional é orientada.
- Resposta diversificada e uniforme: permite adequar os processos de ensino-aprendizagem às diferentes situações,
- Heterogeneidade e homogeneidade: este princípio realça o valor dos agrupamentos heterogêneos dos alunos com o objectivo de educar com base em valores de respeito e aceitação das diferenças numa sociedade plural e democrática

Práticas inclusivas na sala de aula

- As aulas atendem à diversidade de necessidades, interesses e estilos de aprendizagem dos alunos e alunas.
- Os conteúdos e as actividades de aprendizagem são acessíveis a todos os alunos e alunas.

- Desenvolve-se um conjunto de actividades que promovam a compreensão, a aceitação e a valorização das diferenças.
- Promove-se a participação activa e responsável dos alunos e alunas ao longo de sua aprendizagem.
- As actividades estimulam a aprendizagem cooperativa entre os alunos e alunas.
- A avaliação estimula as conquistas de todos os alunos e alunas.
- A disciplina na sala de aula se baseia no respeito mútuo.
- O planeamento, o desenvolvimento e a revisão do ensino realizam-se de forma colaborativa.
- Os professores incentivam a participação e proporcionam apoio à aprendizagem de todos os alunos e alunas.
- Os profissionais de apoio facilitam a aprendizagem e a participação de todos os alunos e alunas.
- As tarefas e os deveres de casa contribuem para a aprendizagem de todos os alunos
- Todos os alunos participam das actividades fora da sala de aula.

A aula como contexto de desenvolvimento do estudante

A sala de aula é um dos contextos educacionais de maior importância no desenvolvimento dos aluno(a)s, já que é na sala de aula que tem lugar o processo de ensino - aprendizagem. A qualidade da aprendizagem dos educando(a)s é influenciada, em grande parte, pela qualidade dos processos educacionais que acontecem na escola e pela capacidade do professor(a) de analisar e reflectir sobre sua prática a fim de tomar decisões que promovam a aprendizagem e a participação de todo(a)s.

O processo de ensino - aprendizagem na sala de aula articula a interacção de três elementos básicos:

- os conteúdos escolares objecto de estudo.
- os aluno(a)s, que constroem significados referentes aos conteúdos de aprendizagem.
- um professor(a), que serve de mediador entre os aluno(a)s e os conteúdos, facilitando tal processo de construção.

Neste sentido, pode-se conceber a sala de aula como uma comunidade de aprendizagem em que existem relações recíprocas entre docente e aluno(a)s e destes entre si, em torno da aprendizagem dos conteúdos escolares. O aprendiz constrói significados a partir dos conteúdos de aprendizagem, a partir de interacções, nas quais os docentes têm um papel essencial uma vez que é a acção do professor(a)

na sala que determinará se o aluno(a) aprende (ou não) de forma significativa. Neste contexto interativo de aprendizagem, os colegas da turma também têm um papel importante, assim como o demonstram as estratégias de aprendizagem cooperativa.

Cada docente desenvolve uma concepção própria sobre como os aluno(a)s aprendem e desenvolvem práticas de ensino com base nesta concepção. Nas reformas educacionais, actualmente em curso em Angola, o construtivismo é um dos marcos de referência para explicar e orientar os processos de ensino e aprendizagem. Este marco considera os processos individuais na construção do conhecimento e desta forma, rompe com abordagens teóricas que predominavam no passado segundo as quais todos os aluno(a)s aprendem da mesma forma.

O construtivismo enfatiza a necessidade de promover aprendizagens significativas em lugar de aprendizagens mecânicas, repetitivas e não relevantes para o desenvolvimento do aluno. Também enfatiza a importância da actividade e a actuação como protagonistas dos aluno(a)s em seu processo de aprendizagem, a necessidade de partir de seus conhecimentos e experiências prévias, a incidência da aprendizagem cooperativa, e a autonomia e auto-regulamentação do processo de aprendizagem, entre outros aspectos.

Organização do processo de ensino para viabilizar a aprendizagem significativa e a participação de todos os alunos

Planear bem as aulas, particularmente, as estratégias a serem implementadas, é uma das acções fundamentais para um ensino bem sucedido. Segundo Ainscow (2001), o planeamento é mais eficaz e operacional quando:

- os esquemas de aula são variados;
- a organização da aula é adequada em resposta à informação proporcionada pelos aluno(a)s durante as aulas;
- as estratégias são planeadas para permitir que os aluno(a)s encontrem o sentido das actividades na sala de aula;
- o dever de casa é planeado com a finalidade de reforçar e ampliar a aprendizagem.

A programação da aula é o instrumento no qual se reflecte por escrito o planeamento que orienta os processos de ensino e aprendizagem que têm lugar na sala de aula. Este planeamento precisa levar ao difícil equilíbrio entre: dar resposta ao grupo como um todo e dar resposta a cada aluno(a) individualmente.

Esta é a razão pela qual o planeamento precisa ser aberto e flexível. Para alcançar este propósito, os professor(a)s precisam de tempo para conhecer bem seus aluno(a)s, seus níveis de aprendizagem

e de competência curricular, seus interesses e motivações, de que maneira aprendem melhor, suas necessidades educacionais específicas, entre outros aspectos. Conhecer bem os aluno(a)s implica uma intensa interação e comunicação com eles, bem como uma observação constante de seus processos de aprendizagem e uma revisão da resposta educacional que lhes é oferecida.

As escolas que adotam uma abordagem tradicional utilizam um único currículo para todos os alunos, inclusive aqueles que, por diferentes razões, enfrentam barreiras na aprendizagem e participação. É provável que para determinados aluno(a)s seja necessário proceder a uma série de adaptações curriculares de grau e natureza diferentes, a fim de garantir o acesso a uma aprendizagem de qualidade. Nas salas de aulas inclusivas, o apoio é dado a todos os aluno(a)s para que tenham as mesmas oportunidades de êxito e atinjam os objectivos do currículo.

Tais apoios podem diferir de um aluno(a) para outro e, por isso, o currículo da aula deve considerar a diversidade de características e necessidades de todos os aluno(a)s e ajustar-se e/ou expandir-se quando necessário e ser modificado de forma a garantir que cada aluno ou aluna tenha acesso ao conteúdo trabalhado. Dar resposta à diversidade significa romper com o esquema tradicional, no qual uma aula é planeada e organizada para todas os alunos ao mesmo tempo, ou seja, todos os alunos executam as mesmas tarefas, da mesma forma e com os mesmos materiais. Nesta aula não se

considera diferenças de estilos, ritmos e interesses de aprendizagem, muito menos se considera o conhecimento prévio do aluno(a).

A questão central da aula inclusiva é a capacidade que o docente tem de organizar as situações de ensino de modo a tornar possível personalizar as experiências comuns de aprendizagem, ou seja, chegar ao maior nível possível de interação entre os estudantes e participação de todos nas actividades propostas, sem perder de vista as necessidades concretas de cada um e em particular daqueles com maior risco de exclusão em termos de aprendizagem e participação (Blanco, R., 1999).

Na prática inclusiva o modo como se organiza o ensino é determinante para que todos os aluno(a)s construam aprendizagens significativas e participem o máximo possível das actividades da sala de aula. Muitas das dificuldades vividas pelos aluno(a)s no processo de aprendizagem derivam da maneira como o professor(a) organiza este processo, das metodologias que utiliza, dos materiais, dos critérios e procedimentos de avaliação, etc.

A experiência demonstra que quanto mais flexível e ajustado for o ensino às diferenças individuais dos aluno(a)s, maiores serão as possibilidades dos aluno(a)s aprenderem e participarem das actividades juntos com seus companheiros. Embora não haja receitas a respeito do método ideal para alcançar esse propósito, apresentamos alguns aspectos que podem minimizar esta situação:

- Motivar os aluno(a)s e conseguir uma predisposição favorável para aprender

Um factor importante a ser considerado é de que todos os aluno(a)s sintam que podem ter êxito em sua aprendizagem, especialmente quando têm dificuldades ou algum histórico de fracasso. Neste sentido, é preciso planear actividades que com a ajuda necessária possam levar à solução do problema, ressaltando o esforço do aluno(a) e não só os resultados por ele obtidos.

- Ajudar os aluno(a)s a atribuir um significado pessoal à aprendizagem

Isto implica que compreendam não só o que têm que fazer, mas também porquê e para quê. Dessa maneira, será muito mais fácil participarem activamente do processo. Existem diferentes meios para conseguirlo: explicações a todo grupo, demonstrações, conversas com os aluno(a)s, em pequenos grupos e individualmente, etc.

- Explorar as idéias prévias antes de iniciar nova aprendizagem

Cada vez que se inicia um novo processo de aprendizagem, é fundamental conhecer as idéias e experiências anteriores dos aluno(a)s, para determinar a distância entre o que sabem e o que se pretende que aprendam. Desta forma, será possível adequar a ajuda e o processo de ensino à situação de cada aluno(a). A exploração das idéias

prévias não deve ocorrer como uma situação de provas que inibam a expressão dos aluno(a)s, porque o importante é justamente conhecer suas concepções, especialmente as equivocadas, para poder transformá-las em parceria com o estudante. Existem diferentes formas para explorar as idéias dos aluno(a)s: perguntas dirigidas, debates, questionários, dramatizações ou desenhos.

- Variedade de estratégias e possibilidades de escolha

Não existe um método único ou uma estratégia ideal para todos, porque cada aluno(a) tem formas de aprendizagem, competência e interesses distintos; uma estratégia que pode ser muito eficaz para um aluno(a) pode não dar resultado com outro. Por outro lado, existem estratégias de ensino que podem ser muito úteis para aprender conceitos, mas não procedimentos. Assim, o professor(a) precisa contar com grande repertório de estratégias instrucionais que dêem resposta às variadas necessidades e situações de aprendizagem.

Isto não significa, porém, que vale tudo, quer dizer, não se trata de adoptar uma postura eclética fácil, mas, sim, de seleccionar um conjunto de estratégias no contexto de alguns princípios pedagógicos essenciais que sejam coerentes com a forma em que desejamos que os aluno(a)s aprendam.

Convém lembrar que os alunos com insucesso escolar não aprendem de forma muito diferente, ainda que necessitem, em muitos casos, de mais

ajuda e/ou ajudas diferentes dos demais aluno(a)s. Outro aspecto importante para favorecer a autonomia e atender a diferenças é oferecer aos aluno(a)s a possibilidade de escolher entre diversas actividades e decidir como realizá-las. Para conseguir maior autonomia, é preciso dar oportunidade para que os aluno(a)s decidam sobre o planeamento de seu trabalho e se responsabilizem pela aprendizagem. A escolha de actividade permite aos alunos se adaptarem às diferenças individuais e que se reconheçam na condição de aprendizes.

- Utilizar estratégias de aprendizagem cooperativa apoio aluno-aluno

É facto comprovado à sociedade que os alunos não aprendem apenas com o professor(a), mas também com os outros alunos. As estratégias de aprendizagem cooperativa têm efeitos positivos no rendimento escolar, na auto-estima, nas relações sociais e no desenvolvimento pessoal. A utilização deste tipo de técnica pressupõe uma grande ajuda para o professor(a), por facilitar trabalho autónomo dos aluno(a)s, permitindo-lhe dedicar mais atenção àqueles que dela mais necessitam.

- Dar oportunidade para que pratiquem e apliquem com autonomia o que foi aprendido

As estratégias e actividades que o professor(a) oferece aos seus aluno(a)s devem fazer com que eles tenham oportunidade de utilizar as habilidades e os conhecimentos adquiridos em diversas situações

e contextos. Saber quando os aluno(a)s alcançaram suficiente nível de aprendizagem, que lhes permita trabalhar de forma independente ou com menos supervisão e ajuda, é fundamental para apresentar-lhes novas exigências e desafios.

- Preparar e organizar os materiais e recursos de aprendizagem de forma significativa para os estudantes

No atendimento às diferenças dos aluno(a)s é preciso que haja uma variedade de materiais e recursos de aprendizagem que permitam desenvolver ampla gama de actividades e trabalhar determinados temas ou conteúdos com diversos níveis de complexidade e diferentes formas de utilização. Estes materiais não precisam ser necessariamente sofisticados ou caros, mas devem ser criados para oportunizar e garantir a participação de todos nas actividades propostas. É importante dispor de material específico ou adaptado, para atender a certos aluno(a)s com insucesso escolar.

- Monitorar permanentemente o processo de aprendizagem dos aluno(a)s para ajustar o ensino

Estar atento aos processos que os aluno(a)s seguem para aprender, em particular às estratégias cognitivas que utilizam, aos níveis de sucesso que têm alcançado e às relações que estabelecem, é primordial para planear as aulas de forma compatível com as características de todos os aluno(a)s, incluindo as estratégias e actividades de ensino às

necessidades e aos estilos de aprendizagem dos aluno(a)s e assim, alcançar os resultados desejados.

- Organizar o processo de ensino e aprendizagem levando em consideração a interdisciplinaridade.

Permite aos alunos correlacionar os conteúdos das diferentes áreas do currículo. Isto não apenas facilitará a aprendizagem dos que apresentam mais dificuldades, mas de todos os aluno(a)s.

- Organizar o horário de aula, considerando o tipo de metodologia e as actividades a realizar, assim como o apoio de que alguns aluno(a)s podem precisar

É importante organizar a rotina diária em função da natureza dos conteúdos a desenvolver tendo em mente o nível de atenção e de concentração dos aluno(a)s, bem como escolher o momento nos quais se realizem actividades individuais que lhes possam servir de reforço ou aprofundamento.

O Conteúdo

O conteúdo deve abarcar todos os aspectos que incluam a cultura da humanidade e que caracterizem o nível alcançado pela sociedade, segundo palavras de Carlos Rafael Rodríguez deve constituir “o repertório de idéias e realizações “ (Rodríguez, 1984).

O conteúdo é aquela parte da cultura que deve ser objecto de assimilação por parte dos estudantes, durante a aprendizagem, para alcançar os objectivos propostos. O mesmo está formado por un sistema

de conhecimentos, um sistema de habilidades e um sistema de valores, ou seja:

CONHECIMENTOS + HABILIDADES+ VALORES = CONTEÚDO.

Assim, nas nossas escolas, preocupamo-nos menos, com a formação de habilidades e valores, pensando que o conteúdo é simplesmente o conhecimento. Logo, condicionamos bastante a formação integral das novas gerações.

É fundamental que como profissionais de Educação, percebamos bem e estrutura do conteúdo, para que possamos contribuir com o nosso saber na formação do pensamento lógico dos estudantes e consequentemente o aperfeiçoamento e desenvolvimento das habilidades intelectuais.

Nível de assimilação do conteúdo

Avalia o grau de domínio do conteúdo por parte do estudante; ou seja, a apropriação do conhecimento e das habilidades vinculadas a este conhecimento, em determinadas condições.

Nível assimi- lação	Conteúdo	Situação formulada
Familiarização	novo	desconhecida
Reprodutivo	conhecido	conhecida
Produtivo	conhecido	nova
Criativo	Parcialmente, Conhecido	nova

Nas nossas escolas trabalhamos mais com o nível de assimilação reprodutivo. É necessário potenciar o trabalho com os estudantes principalmente nos níveis produtivo e criativo para uma formação integral.

Nível de profundidade do conteúdo: um mesmo conceito pode ser aprofundado em maior ou menor grau de complexidade, formando parte de um sistema de carácter mais essencial, com um maior ou menor grau de abstração.

Nível de sistematicidade do conteúdo: o conteúdo deve ser integrando para alcançar um resultado qualitativamente superior a soma dos elementos. O mal nível de sistematidade dificulta a direcção do processo da ensino e aprendizagem.

Os objectivos e seu valor no processo de ensino-aprendizagem significativo

O objectivo constitui a categoria mais importante do processo de ensino e aprendizagem se define como o modelo pedagógico do encargo que a sociedade formula a escola de formação da nova geração. É a categoria do processo de ensino e aprendizagem que tem um carácter mais subjectivo, no entanto é aspiração, ideia ou propósito.

Características fundamentais dos objectivos

- Manifesta as exigências que a sociedade apresenta a educação (o qual determina o carácter reitor).

- Orientam o processo de ensino e aprendizagem para transformar os estudantes segundo a imagem do homem que se aspira.
- Determinam os outros componentes do processo docente em sua relação mutua.
- Sua formulação e realização de forma planificada é uma condição essencial para o êxito do processo de ensino e aprendizagem.

Clasificação dos objectivos por sua função

- Educativos: são aqueles que estão encaminhados a conformar aspectos mais transcendentales da personalidade dos educandos tais como: sentimentos, valores, convicções, etc.
- Instrutivos: têm menor transcendência e estão vinculados com o domínio, por parte dos estudantes, do conteúdo de uma disciplina.
- Desenvolvedores: são aqueles que se referem ao desenvolvimento das capacidades para transformar-se a si mesmo e transformar a realidade.
- Formativos: são aqueles que integram as exigências tanto instrutivas, educativas como desenvolvedoras.

Clasificación dos objectivos de acordo ao nivel de sistematización

<i>Clasificación</i>	<i>Nível de sistematización</i>	<i>Avaliación</i>	<i>Documento</i>
Objectivos gerais	Curso, Disciplina, Ano/ Grau	Exame final, Trabalho de Diploma / Curso	Plano de Estudo e Programas
Objectivos particulares	Tema ou unidade	Avaliación parcial	Plano da disciplina
Objectivos específicos	Aula	Avaliación freqüente	Plano de aula

A liderança na escola: uma via para desenvolver a aprendizagem significativa

Este esforço para obter consenso e inspirar a mudança relaciona-se com o conceito de liderança, entendido como o conjunto de processos utilizados para influenciar grupos de docentes no sentido de somar esforços para realizar objectivos comuns. Dos estudos realizados em escolas, conclui-se que a liderança é um elemento-chave do sucesso no contexto escolar. Esses estudos tendem a descartar essa função como exclusiva do Director da escola (o

líder institucional) e começam a considerar liderança como uma capacidade que pode estar ao alcance de todos e em todos os níveis da comunidade escolar.

A mudança de ênfase no papel de líderes dentro das organizações escolares distancia-se dos conceitos tradicionais de hierarquia e controlo e orientam-se fundamentalmente para enfoques que enfatizam a participação, o compromisso e a responsabilidade comum pelos resultados. Nas escolas, esta mudança da visão acerca da liderança tem levado a revisar o estilo de gestão e a forma como a liderança poderia ser exercida de maneira mais compartilhada.

Assim, nos processos de mudança, faz-se necessário dispor de diversas estratégias, que permitam criar um clima de confiança e de colaboração, a fim de que este novo enfoque de liderança se torne viável.

Uma liderança eficaz da equipa gestora das escolas aposta em dar respostas às necessidades de todos os professores e estudantes. O êxito ou o fracasso das tentativas para introduzir melhorias nas políticas e nas práticas educacionais depende em grande medida da atitude da equipa gestora e dos líderes emergentes no contexto escolar. Os líderes devem servir de modelo aos membros da comunidade escolar. Isto significa que devem ter coerência entre o que falam e o que fazem, que estão empenhados nas mudanças e iniciativas e que consideram o processo de inclusão prioritário para o desenvolvimento da escola.

Segundo Calulo (2014), “ (...) o líder deve ter uma visão de criatividade tendo em conta, a complexidade do processo de gestão escolar. Deve perceber a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem para projectar a superação e formação dos recursos humanos com vista a responder as necessidades da escola”. Portanto, o líder deve primar sempre por uma gestão inclusiva onde a interacção com os componentes pessoas do processo de ensino e aprendizagem é fundamental.

ANÁLISE DA LIDERANÇA NA ESCOLA		
N.	INDICADORES	Nota de 0 a 5
1	Cada integrante da comunidade escolar tem seu papel e suas atribuições bem definidos.	
2	A equipa gestora da escola e o corpo docente responsabilizam-se pelos resultados de suas acções.	
3	As situações difíceis são resolvidas em conjunto.	
4	4. Existe um clima de confiança, a capacidade individual é reconhecida , com base na qual são delegadas as respectivas tarefas.	
5	As opiniões e os interesses do pessoal docente e não docente (estudantes, funcionários, etc.) são levados em conta na organização da escola.	

6	Os docentes são informados e participam das decisões institucionais.	
7	Os docentes têm graus de autonomia nas decisões sobre questões curriculares.	
8	Os alunos responsabilizam-se por seus próprios actos.	
9	Os alunos conhecem seus direitos e deveres.	
10	Os alunos dispõem de instâncias de participação no projecto educativo.	
11	Os alunos contam com uma organização estudantil através da qual canalizam suas idéias e inquietudes.	
12	A família mantém-se informada e participa do projecto educativo.	
13	As famílias são ouvidas em suas demandas e necessidades.	
14	As famílias colaboram no processo educativo.	
15	O pessoal não docente participa das reuniões de carácter geral da escola.	
16	Participação da escola na formação e superação dos recursos Humanos.	

Recomendações didáticas

Que nas aulas e nos trabalhos independentes os estudantes por orientação do professor, tenham em consideração estas linhas, pois as quais, são de grande importância para elevar o rendimento escolar não só, neste nível de ensino, mas também para a preparação dos estudantes tendo em conta os futuros desafios, quer profissionais quer académicos.

O estudante nunca deve ir numa aula nova sem rever a aula anterior, visto que os conteúdos são programados de forma sequenciada de modo que a aula de hoje tem relação com as aulas posteriores. Portanto, o professor deve sistematizar o conteúdo de ensino e cumprir com este princípio de ensino, recordando os velhos conteúdos que servem de base ao novo.

Não faltar em uma aula sem motivos fortes, é importante saber que acompanhar as aulas implica ter todos os conteúdos das aulas anteriores, por isso, procure disciplinar-se neste sentido, pois será fácil recuperar uma aula não compreendida. Portanto, o professor deve motivar o estudante para a nova aula e manter o nível de motivação alcançado.

É o seu crescente interesse que o ajudará a passar cada vez mais tempo estudando com prazer. E assim perceber em pouco tempo aquele conteúdo que outros levam dias a aprender.

O professor deve oferecer diferentes níveis de ajuda, desde o mais simples até aos mais complexos. Com o fim de desenvolver todos os estudantes de

forma igual, segundo as capacidades que cada um desenvolve.

Tenha em mente que o sucesso de uma aula é com responsabilidade do professor e participação activa dos alunos. Por isso a sua intervenção é importante.

BIBLIOGRAFIA

1. AUSUBEL, D. P. A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes. 1982.

2. Blanco R (1999). “Hacia una escuela para todos y con todos”, en Boletín del Proyecto principal de Educación en América Latina y el Caribe, no 48, pp 55-72.

3. Blanco, R., Duk, C. y Pérez, M. (2002). “Servicios de apoyo a la integración educacional”.

Fundación HINENI. FONADIS. Chile.

4. Calulo, J.L.S; Mestre, U. (2013). Necesidade e possibilidade de actualizar, desde o ponto de vista científico e tecnológico o currículo e a metodologia de ensino da disciplina Física na 12ª classe da Escola do Segundo Ciclo do Ensino Secundário. CD-ROM de Memórias del VIII Taller Internacional “Innovación Educativa-Siglo XXI” y VII Congreso Iberoamericano de Educación Científica. Las Tunas, Cuba. Mayo 2013. Editorial Universitaria del Ministerio de Educación Superior de la República de Cuba. ISBN 978-959-16-2107-8.

5. Calulo, J.L.S; Mestre, U. (2014). Desarrollo de habilidades en la resolución de problemas de Física de los alumnos de decimosegundo grado en la Escuela de Segundo ciclo Comandante Vilinga de Huambo, Angola. Tesis de Maestría en Didáctica de la Educación Superior.

6. Dicionário de Língua Portuguesa Prestígio, (2009). Porto Editora.

7. DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In Gêneros Oraís e escritos na escola. Campinas (SP): Mercado de Letras. 2004.

8. Dutra C. P. e outros (2005). Educar na diversidade : material de formação docente / organização : Cynthia

9. Duk. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

10. Pozo, J. (2010). Teorías cognitivas del aprendizaje. Facultad de Psicología de la Universidad Autónoma de Madrid. Ediciones Morata, S. L. Décima edición. Madrid, España.

11. Santiesteban, E. (2014). Metodología de la Investigación Científica. Editorial Académica Universitaria da Universidad de Las Tunas

12. UNESCO, 1993: Conjunto de materiais para formação de professores “Necessidades Especiais em Sala de Aula”.

13. VIGOTSKY, L. S. (1989). Obras completas, T.5 – Ed. Pueblo y Educación. La Habana.

Impresso em RISOGRAPH, abril de 2015.

Esta edição é composta por 1.000 cópias.

Departamento de Edições, Universidade de Las Tunas, Cuba